

**MEMÓRIA, HISTÓRIA, TRABALHO E EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE
MANHUAÇU SEGUNDO AS FONTES LOCAIS****Germano Moreira Campos¹, Leonardo Vieira Barbosa².**

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Graduado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Professor e Coordenador do curso de História da Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu (FACIG), e-mail: germcampos@yahoo.com.br

² Graduado em História pela Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu (FACIG), Bolsista do Programa de Iniciação Científica, e-mail: leeobarbosa@hotmail.com

Resumo - O presente trabalho, fruto do projeto de pesquisa intitulado “A História regional de Manhuaçu: seu povo e suas fontes”, visa apresentar como se deu a evolução da história da escola no Brasil fazendo um apanhado geral da virada do Império para a República. Será abordado como se caracterizava a educação no final do século XIX e início do século XX, contextualizando a cidade de Manhuaçu, localizada do leste mineiro mais conhecido como Zona da Mata, de maneira a apresentar como foi o desenvolvimento da região quanto à temática do desenvolvimento intelectual da sociedade. Observando os passos anteriores que o historiador deve seguir para contar sobre o passado de uma cidade, podemos perceber que há toda uma problematização e um pré-estudo sobre o que será estudado, sendo que a escolha das fontes documentais é de suma importância. A partir daí começa-se o estudo da cidade através de um acervo de imagens antigas do espaço em questão que, no caso desse estudo, consiste na cidade de Manhuaçu. Para tanto, o resultado do projeto de pesquisa, que consistiu na seleção, organização, catalogação e montagem de um acervo sobre a memória do município em questão, foi de suma importância para possibilitar novas pesquisas e estudos neste campo.

Palavras-chave: Educação; História; Manhuaçu; Memória; Patrimônio.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas: História

1 INTRODUÇÃO

O Brasil passava por grandes transformações, na virada do século XIX para o século XX. No âmbito político o país deixava de ter a monarquia como sistema político, passando para o governo republicano. É nesse contexto que devem ser entendidas outras mudanças ocorridas no Brasil, tais como no plano educacional e no sistema de transportes. Com a instituição da Constituição de 1891, a educação passaria a ser uma preocupação do governo e várias escolas serão, assim, erguidas nas cidades brasileiras.

Assim, o presente artigo tem como principal objetivo realizar um histórico da educação brasileira na virada do século XIX para o século XX, buscando relacionar a educação a nível nacional com o município de Manhuaçu, tendo como base as fontes documentais organizadas pela pesquisa de iniciação científica. Neste sentido, analisaremos a trajetória histórica de duas instituições escolares da cidade de Manhuaçu, a saber: Escola Estadual Maria de Luca Pinto Coelho e Colégio Tiradentes da Polícia Militar.

Usaremos como fonte principal no presente artigo imagens que foram registradas na época, e que serão analisadas à luz de uma bibliografia específica sobre o período histórico em questão. O estudo regional nos permite estabelecer comparações, uma vez que, ao estabelecermos uma relação do regional com o nacional, nossa visão e compreensão de determinado fato se amplia, possibilitando romper com estereótipos historiográficos (VANOYE, 2003). A História Regional vai estudar o contexto histórico de determinado espaço, tomando-o como delimitação para o objeto de estudo. Assim,

Quando um historiador se propõe a trabalhar dentro do âmbito da História Regional, ele mostra-se interessado em estudar diretamente uma região específica. O espaço regional, é importante destacar, não estará necessariamente associado a um recorte administrativo ou geográfico,

podendo se referir a um recorte antropológico, a um recorte cultural ou a qualquer outro recorte proposto pelo historiador de acordo com o problema histórico que irá examinar. (BARROS, 2004, p. 152)

Também deixaremos um pequeno espaço reservado para analisarmos a questão da modernização e do trabalho, observado a partir das fotos de construção e inauguração da Estrada de Ferro de Manhuaçu, que data de 1915. Ao tratarmos de história regional estamos nos referindo à abordagem que o historiador faz do seu objeto de estudo, recortando determinado espaço a ser estudado (SILVA, 1990).

2 METODOLOGIA

2.1 EDUCAÇÃO NO BRASIL NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

Antes de entrar mais abertamente no tema, vamos fazer uma breve contextualização dos primórdios da educação para entender seu desenvolvimento, sendo que os primeiros indícios são referentes ao período colonial brasileiro. Não é novidade que na época em que o Brasil foi descoberto houve-se a necessidade de alfabetizar os índios para a catequese. Esse era o meio mais fácil de inseri-los no cristianismo.

A igreja teve um papel fundamental na história da educação por muitos séculos. Ainda não havia espaços para questionamentos, ou seja, não tinha a possibilidade do aluno se expressar com senso crítico, expor a sua opinião. Sem falar que a instrução que eles recebiam era mais limitada se comparada ao que a elite tinha acesso, que no caso seria uma educação mais culta, tendo em vista que os índios não tinham contato com pensamentos complexos, e sim com uma forma de conhecimentos básicos e necessários para a conversão.

No século XIX a educação brasileira passa por uma nova transição, depois de muitos anos envolvida por influências cristãs, agora é implantado no Brasil o método do ensino mútuo ou também conhecido por ensino monitorial. Esse ensino visava englobar uma grande quantidade de pessoas orientadas por um só mestre, o conteúdo aprendido nesse método era bem direcionado a uma adoção de disciplina corporal e mental, eram usados poucos recursos, nessa prática, os alunos ficavam divididos em filas e o professor se posicionava em um ponto mais alto para que todos o vissem, isso também se remete ao significado de hierarquia, disciplina e ordem se pararmos para pensar, pois o professor tinha esse distanciamento e posição central de todo o conhecimento. O modo de aplicação veio originado da Inglaterra por Joseph Lancaster e implantado no Brasil em 1820 como conta o seguinte relato

(...) a partir de 1820, todo o debate pedagógico no Brasil centrou-se em torno do método de ensino mútuo, que foi implantado, de forma oficial, por uma ordem ministerial, a qual exigia que cada província do Império enviasse um soldado, a fim de aprender o método para propagá-lo na província de origem e aplicá-lo nas escolas de primeiras letras. Desse modo, os professores eram recrutados nos quadros militares, mantendo-se assim até o Decreto de 01/03/1837 do Império que instituiu a incompatibilidade entre as funções de militar e de professor público. (SAVIANI, 2004)

Há quem diga que esse modo não foi muito eficiente devido à falta de prédios escolares, falta de material didático e também professores para desenvolver o método, isso acabou estagnando o processo de evolução da educação por falta desses recursos. Uma alternativa foi a adesão de monitores, sendo esses alunos em estágio mais avançado que eram treinados para ajudar a equilibrar a produtividade das aulas, o que fazia com que qualquer dúvida obtida pelo aluno era intermediada pelo monitor que passava para o professor para assim poder analisá-la e tomar as decisões cabíveis. Porém o conhecimento ainda era muito superficial, isso gerou muitas críticas quanto ao método de ensino e os alunos se tornaram vítimas desse mecanismo, pois era algo muito robótico, e desprovido de valores educativos. Desta forma a educação passa a ser explorada por um novo método de ensino, as formas de se ensinar passam a ser fundadas pelo ensino intuitivo.

2.2 O MÉTODO DE ENSINO INTUITIVO

Vindo de uma nova vertente, agora na segunda metade do século XIX, o Brasil passa a desenvolver, graças a Pestalozzi e Froebel, a implantação do método de ensino intuitivo, essa influência por parte dos autores chegou aos livros didáticos adotando a teoria do empirismo defendida por John Locke e Francis Bacon, agora os sentidos e a observação passam a ser mais explorados. A percepção faz com que o aluno interprete o meio em que vive, isso acaba ajudando o aluno a aprender conforme a sua experiência de vida, como diz a teoria da tabula rasa, que tem o sentido de ser uma folha de papel em branco onde o ser humano vai adquirindo valores de acordo com suas experiências (BITTENCOURT, 2004).

Vera Tereza Valdemarin em seu livro “O legado educacional no século XIX” relata como foi importante essa dinâmica para que a educação brasileira progredisse, pois esse método possibilitou que a criança se desenvolvesse mentalmente, e que isso também acarretava em uma maior disposição física e moral. Para as classes populares acabou sendo interessante, por se tratar de um modo de ensino inovador, gratuito e livre. Isso gerava desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, que por sinal se encontrava em um nível precário, nos campos da escrita, interpretação de textos nas leituras. Usava-se a prática da repetição para compreender o fato, visto por várias vezes até se fixar na mente.

2.3 EDUCAÇÃO DO BRASIL NO SÉCULO XX

A experiência da Escola Nova ou também conhecida como Escola Ativa teve seu surgimento no fim do século XIX e início do século XX na França e também na América do Norte. As pessoas passaram a enxergar novas formas de trabalhar o seu meio, tendo em vista que com a chegada de novos meios de produção, a educação teria que ser planejada para sustentar a base populacional para manter sempre o ritmo equilibrado.

A finalidade era acabar com certos privilégios que alguns recebiam, o governo defende a educação para todos, tendo em vista que por mais que existisse educação no Brasil no século XIX, ela ainda não era acessada pela maioria da população, por mais que alguns dados possam dizer o contrário. Portanto, no início do século XX a sociedade vive um processo de restauração, os educadores introduzem o pensamento liberal e democrático. Sendo assim, o ensino primário nos anos 30 passa a ser obrigatório.

Com a chegada do Estado Novo, Getúlio Vargas deu fim nas oligarquias rurais, revolucionou por derrubar a República Velha, isso acarretou em mudanças sociais e refletiu na educação que teve um posicionamento mais abrangente com criação de novas leis. A saber:

- O decreto-lei 4.048, de 22 de janeiro, cria o Serviço Nacional da Aprendizagem Industrial (SENAI);
- O decreto-lei 4.073, de 30 de janeiro, regulamenta o ensino industrial;
- O decreto-lei 4.244, de 9 de abril, regulamenta o ensino secundário;
- O decreto-lei 4.481, de 16 de junho, dispõe sobre a obrigatoriedade de os estabelecimentos industriais empregarem um total de 8% correspondente ao número de operários e matriculá-los nas escolas do SENAI;
- O decreto-lei 4.436, de 7 de novembro, amplia o SENAI, atingindo também o setor de transportes, das comunidades e da pesca.
- O decreto-lei 4.084, de 21 de novembro, compete que as empresas oficiais com mais de cem empregados devem manter, por conta própria, uma escola aprendizagem destinada à formação profissional de seus aprendizes (BITTENCOURT, 2004).

O ensino público passou a ser dividido por três etapas, sendo a primeira delas a etapa do primário em que o aluno passa cinco anos até passar para a próxima etapa, que seria o curso ginasial no período de quatro anos, até chegar à etapa colegial de três anos. O governo não estimulava um preparo mais específico para o ensino superior, se preocupava somente em uma formação mais generalizada.

Com a ocorrência do golpe de 1964 e a ascensão da ditadura militar, o Brasil passa por um parâmetro bem contrastante com respeito à educação nos dias atuais. Os alunos foram mais limitados e bastante impulsionados a um regime militar dentro das escolas, um ensino tradicional e sem mobilidade de manifestação das opiniões. Estamos tratando de uma época de censura, em que cada atitude vista como afronta ao regime era encarada de forma hostil e com castigos severos como, por exemplo, a palmatória, além das humilhações sofridas pelos alunos, tais como ajoelhar em milhos

e ficar sem recreio. Mas isso não foi nada comparado à classe de pessoas menos favorecidas, que foram impedidas de continuar estudando graças à privatização da educação, que excluiu a maioria das pessoas que tinham um sonho de estudar, terminar seus cursos profissionalizantes. Foram 21 anos que o Brasil sofreu com a intervenção militar, que foi derrubada com eleição de Tancredo Neves e José Sarney em 1984.

A década de 1980 foi muito importante para a educação brasileira, pois a informática passou a ser uma referência exigida para o meio profissionalizante, as escolas passaram a adorar computadores, novas metodologias foram necessárias. Existia um conflito por grande parte dos professores que não estavam habituados as novas tecnologias, mas a generalização da informática acarretou em cada vez mais introduzir o aluno ao mundo da tecnologia, para ir se acostumando com o que o esperava para o futuro.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 COLÉGIO TIRADENTES DA POLICIA MILITAR DE MANHUAÇU

Logo após a queda do regime militar o Brasil passou por um novo regime republicano, demos adeus à ditadura e agora gozamos de um progresso considerável na educação brasileira no século XX. Um ano após a intervenção militar (1965), surgiu em Manhuaçu, no mês de fevereiro, o primeiro exame de seleção para inaugurar o prédio educacional que foi cedido pela Educadora Sociedade Anônima (ESA). A proposta de um Ginásio da Polícia Militar foi fruto dos próprios oficiais da Polícia Militar de Minas Gerais em 1949, quinze anos antes da ideia se propagar para várias partes do interior mineiro. Essa ideia a princípio tinha a finalidade de oferecer educação de qualidade para os militares e seus dependentes, de acordo com o histórico retirado do próprio site da CTPM (Colégio Tiradentes da Polícia Militar).

Em Manhuaçu, o colégio foi integrado por meio de um anexo VIII do Colégio Tiradentes de Belo Horizonte, e teve suas bases na lei 480 de 10/11/1949, sendo que a proposta era proporcionar o mesmo método para todo o território estadual. Quando inaugurado o instituto sobre as bênçãos feitas pelo Padre Antônio de Miranda – que hoje é o atual Bispo de Lorna, em São Paulo – a primeira aula foi ministrada pelo Major José Ribeiro do Vale. Na época a escola funcionava com apenas seis turmas, a saber: três primeiras séries diurnas, duas primeiras séries noturnas e um científico também no período noturno. “A criação do científico foi em atendimento às solicitações da população de Manhuaçu, por não existir nenhum outro curso científico na cidade” (site do CTPM).

O Colégio Tiradentes ganhou muitos alunos no ano seguinte, portanto foi preciso dobrar a quantidade de turmas, agora em 1966 a escola passa a ter doze ao invés de seis. Já em 1967 a instituição passa a funcionar em seu atual prédio, que foi construído pela corporação do 11º BPM (Batalhão da Polícia Militar), as obras foram orientadas no comando do Major Luiz Nunes Neto, mas foi o Tenente Coronel Jacinto Franco do Amaral Melo que a colocou em condições de funcionamento.

Foi em 1967 que a instituição entregou a Manhuaçu a primeira turma de formandos pelo curso científico, isso foi ocorrendo gradativamente todos os anos, e a escola se orgulha desse feito, pois foi graças a esse acesso à educação que muitos alunos saem dali e cursam as melhores faculdades do país (BATISTA, 1991). O colégio está em constante manutenção pelo 11º BPM que cuida da arborização, ajardinamento, pinturas, e diversos acabamentos. A tabela abaixo mostra a relação de diretores do Colégio Tiradentes de Manhuaçu, desde sua criação:

Tabela 1 - Relação cronológica da Diretoria Pedagógica do Colégio Tiradentes de Manhuaçu.

1	Ary Nogueira da Gama	1965 - 1972
2	Jairo Gomes de Oliveira	1972 - 1973
3	Vicente dos Santos	1974 – 1977
4	José Martins da Silva	1977 – 1978
5	João Cezar de Oliveira Leite Neto	1978 – 1987
6	Marilene Pletikoszits de Andrade	1987 – 1989
7	Margarete Zapala Pimentel Baptista	1989 – 1992
8	Regina Célia Xavier da Silva	1992 – 1996
9	Cássio Murilo de Souza	1996 – 1999

10	Clóvis Dornelas Filho	1999 – 2004
11	Valéria de Aquino Xavier	2004 - Presente

O projeto de pesquisa que ora culmina, possibilitou a criação de um amplo acervo de fotografias e demais documentos sobre aspectos diversos da cidade de Manhuaçu, como já mencionado anteriormente. Para exemplificar um pouco do que se pode fazer com o uso de tais documentos, passaremos a apresentar momentos distintos do Colégio Tiradentes de Manhuaçu através das fotografias que compõem nosso acervo.

Figura 1 - Fachada do Colégio Tiradentes no ano de 1969.



Figura 1- Desfile de 07 de Setembro do Colégio Tiradentes no ano de 1969.



Figura 3 - Jantar dos Professores - 1969.



Figura 4 - Alunos do Colégio Tiradentes do ano de 1970.



Figura 5 - Desfile Cívico de 07 de Setembro – 1980.



Figura 6 - Lançamento do livro de poemas “Nós” - 1983.



Figura 7 - Turma de Pré-escolar de 1990 do Colégio Tiradentes.



Figura 8 2- Turma de 2004 do Colégio Tiradentes.



3.2 ESCOLA ESTATUAL MARIA DE LUCCA PINTO COELHO

Fundada em 21 de abril de 1928, a Escola Estadual Maria De Lucca Pinto Coelho foi criada na cidade de Leopoldina-MG pelo Decreto nº 8.162 de 20/01/28. Sua transferência se deu no mesmo ano para Manhuaçu devido ao particular empenho do filho da Dra. Alcina de Paula Salazar que na época era Presidente e Agente Executivo da Câmara Municipal de Manhuaçu, juntamente com o Presidente do Estado de Minas Gerais, Dr. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, que autorizou a transferência da Escola Normal Oficial, pelo fato de que nessa época, Manhuaçu estar passando por um período de desenvolvimento, de crescimento comercial. À medida que a população aumentava, viu-se a necessidade de dar aos moradores uma educação mais ampla, pois nessa época, apenas as famílias com uma boa situação financeira, é que poderia pagar para que seus filhos estudassem fora.

Com o crescimento constante, a vinda da Escola Normal para Manhuaçu trouxe grandes melhorias no processo de educação, aumentando as chances de várias pessoas poderem estudar.

Mas havia um problema, a falta de estrutura apropriada pra instalação da escola, era uma das dificuldades a serem enfrentadas. Porém, a ajuda veio através da Loja Maçônica União de Manhauçu, que cedeu o seu próprio prédio, podendo a Escola Normal Oficial ser instalada.

Em junho de 1928, com 66 alunos matriculados, o seu ensino era dividido em dois cursos: o normal, para magistério de 1º grau com duração de três anos, e o de adaptação em dois anos. Os primeiros professores da escola vinham de outras cidades, a diretoria foi nomeada pelo então governo do Estado Minas Gerais, e somente uma professora era natural de Manhauçu: a dona Maria de Lucca Pinto Coelho, que era professora de francês, que mais tarde seria homenageada com seu nome dado à escola, exatamente por ela ser a primeira professora natural de Manhauçu.

Com a instalação da Escola Normal, Manhauçu melhorou seu status e beneficiou outras cidades da região com a sua nova escola. O tempo passou, os alunos aumentaram e, com isso, os professores também. O prédio da escola não comportava a grande quantidade de alunos que só estava aumentando, com isso a escola se viu na necessidade de construir um prédio com estruturas adequadas e que atendessem a sua demanda em crescimento. Foi conseguida uma autorização para construção do novo prédio, isso só acontecera após muita insistência por parte do governo municipal.

E em 28 de junho de 1970 os prédios novos foram inaugurados, localizados na Rua Mellim Abi-Ackel, endereço atual. Com o novo endereço a escola passa a se chamar Escola Estadual de Manhauçu - 1º e 2º Graus. Depois de alguns anos, a escola recebe o nome de Escola estadual Maria De Lucca Pinto Coelho. Algumas das transformações sofridas pela referida escola ao longo do processo histórico podem ser evidenciadas nas fotografias abaixo:

Figura 9 - Maria de Lucca Pinto Coelho.



Figura 103- Primeiro endereço da Escola Normal Oficial de Manhauçu. (Antiga Escola Normal).



Figura 114- Maria de Lucca Pinto Coelho em sua fundação (prédio atual).



3.3 OS TRANSPORTES E A MODERNIZAÇÃO DA CIDADE

Não é de hoje que aqueles que pesquisam sobre a história de uma cidade através de acervos fotográficos demoram-se sobre os veículos de transporte que revelam-se por uma Brownie ou Polaroid. Sabemos também que a evolução desses meios indica o progresso ou letargia de determinada sociedade frente a um contexto mais amplo e, enxergando-se através de uma ótica mais restrita, observamos como os tipos de veículos usados na locomoção de pessoas influencia não só as relações de trabalho de determinada sociedade, mas também a divisão destes e a expansão no número de trabalhadores da área urbana ao conseguirem uma maior integração com a área delimitada como rural (AMADO; FERREIRA, 2001).

No caso de Manhuaçu, a construção em si da própria linha de trem já conduziu a novas formas de trabalho e emprego de tecnologias com um fim específico.

Figura 12 – Homens trabalhando na construção da Estrada de Ferro.



O trabalho executado de maneira braçal é característico da época em que a estrada de ferro foi construída. Por determinado período, esse evento mudou a organização da sociedade dos indivíduos que ali trabalharam. A utilização do serviço braçal, contudo não indica algo rudimentar visto que tratamos de tempos longínquos e numa região relativamente afastada dos pólos que poderiam oferecer máquinas a um custo mais baixo.

A inauguração da linha ferroviária em Manhuaçu marca uma era progressista para os que aqui habitavam.

Figura 13 – Inauguração da Estrada de Ferro em Manhuaçu em 1915.



Observando a foto da “Inauguração da Estrada de Ferro em Manhuaçu” no ano de 1915, podemos analisar alguns pontos inferidos na mentalidade da população que aqui vivia. Manhuaçu foi fundada em 1877 e, 38 anos após, a linha ferroviária foi inaugurada. Em uma época onde o tempo evoluía (aparentemente) de forma mais tranquila, o período passado entre a fundação do município até a abertura da estrada de ferro é considerado relativamente pequeno. Na foto indicada, vemos que estiveram presentes os grandes nomes políticos e da sociedade manhuaçuense e, estas grandes personalidades, eram majoritariamente do sexo masculino. Para esses, foram dias que levaram em seus ombros o progresso; mas, e para o restante da população, qual era o significado e, quais foram os desdobramentos da construção da mesma?

Figura 14 – População presente na inauguração da Estrada de Ferro.



A sociedade em massa compareceu ao evento de inauguração. Vemos indícios disso na foto acima. Outro aspecto que volto a ressaltar é a forte presença masculina; leva-nos a lembrar que a sociedade era de forma generalizada patriarcal.

Figura 15 – Homem posa para foto na estrada de ferro.



Figura 16 – Homem passeando na estrada de ferro.



As duas fotos mostram indivíduos isolados, posando perto do trem. Adentrando na mentalidade da época, ir à estação ferroviária denotava status, já que as pessoas iam até ao local e ter uma foto junto ao trem. Não só isso, mas também era uma espécie de lazer, de se vislumbrar o novo. Percebemos que a linha de trem não servia apenas ao trabalho, mas também exercia papel fundamental em outras atividades e teve papel intrínseco nas formas de relação das pessoas e na significância do papel social do indivíduo perante a sociedade.

Essa ideia do progresso, do incentivo à economia que a estação ferroviária traria para a região é algo evidente: o café produzido nas montanhas da redondeza passaria a ser escoado com maior facilidade, assim como os produtos de diversas regiões finalmente ingressariam na cidade em um prazo mais curto (CARDOSO; VAINFAS, 1997).

O contraste entre o conceito de novo e antigo não estava apenas na mentalidade da população: foi fotografado.

Figura 17 – Estação de Manhuaçu.



A economia da cidade dependia tanto do carro de boi, para trazer até a cidade os produtos de gênero alimentício produzidos nas roças e fazendas, como do trem, que os escoaria com maior agilidade.

4 CONCLUSÃO

O projeto de pesquisa desenvolvido ao longo do segundo semestre de 2015 e primeiro semestre de 2016 possibilitou a formação de um considerável banco de dados sobre aspectos diversos da cidade de Manhuaçu. Foi possível elencar mais de 2.000 fotografias antigas que contam a memória da cidade, suas transformações, permanências e vivências. Também livros e outros documentos compõem o acervo elencado e organizado sobre o município estudado.

Para o desenvolvimento do presente artigo, dada a limitação e o recorte necessários, optamos por abordar duas facetas de suma importância que alguns documentos nos permitiam analisar: a educação e o transporte. Essa seleção em meio a outras possíveis atesta a riqueza da memória produzida sobre o município de Manhuaçu ao longo do processo histórico.

O trabalho que por ora se concretiza vai deixar de legado para futuros pesquisadores da cidade um arcabouço documental bastante rico e variado, de forma a fomentar novos estudos que colaborem para uma maior visibilidade de Manhuaçu e região.

Conhecer o passado de uma cidade possibilita perceber as novas mudanças, bem como conhecer mais da própria história, do lugar onde muitas pessoas nasceram e vivem atualmente. Daí a importância do historiador, ele busca as histórias do passado, contando a história de uma cidade e do povo que vive/viveu nela, para as gerações futuras. Com esse trabalho podemos aprender mais sobre a cidade de Manhuaçu, servindo também como acervo cultural e histórico para as próximas pesquisas.

5 REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes (coords.). **Usos & abusos da história oral**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- BARROS, José D' Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2004.
- BATISTA, Núbio Argentino. **Manhuaçu, minha terra adotiva**. Manhuaçu: Editora Indústria Gráfica Brasil, 1991.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo. Cortez, 2004, p.121
- CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.
- SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do "longo século XX" brasileiro. In: SAVIANI, Dermeval et. al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- SILVA, V. A. C. **Regionalismo: o enfoque metodológico e a concepção histórica**. In: SILVA, M. A. da. **República em migalhas: história regional e local**. [S. l.]: [s. n.], 1990.
- VALDEMARIN, Vera Teresa. **Os sentidos e a experiência: professores, alunos e métodos de ensino**. In: SAVIANI, Dermeval et. al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- VANOYE, Francis. **Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita**. Martins Fontes: São Paulo, 2003.
- <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/cadernohumanas/article/view/224/152>> Acessado em 01/06/2015.
- <http://casadasbecas.com.br/tiradentes/?page_id=712> Acessado em 02/06/2015.